

CONSEQUÊNCIAS DO ABANDONO AFETIVO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

Daniely Teodoro Ferreira Alves

Resumo: A primeira infância abriga o período de maior neuroplasticidade do cérebro infantil. Nesse cenário, existem inúmeras estruturas em desenvolvimento, sendo uma delas a construção das bases afetivas. Estas são construídas desde o período intrauterino. Após o nascimento, o vínculo afetivo continua seu desenvolvimento na relação entre a figura do cuidador central e o bebê. É válido destacar que essa relação, nesse período da primeira infância, tem sua importância, já que serve de referência para que a criança tenha outras relações afetivas ao longo do seu desenvolvimento. Por isso, entendendo a importância da construção do vínculo afetivo nos primeiros anos de vida, é válido refletir sobre as consequências no desenvolvimento emocional de crianças submetidas à experiência de abandono afetivo. Dessa forma, baseado na Teoria do Apego desenvolvido por John Bowlby e Mary Ainsworth o artigo em questão tem como objetivo compreender os possíveis modelos de apego a serem desenvolvidos na relação com o cuidador central. Além de compreender de forma específica os modelos predominantes em casos de negligência afetiva. A formulação se dá por meio da pesquisa bibliográfica, utilizando artigos encontrados na ferramenta Google acadêmico e livros que abordam a Teoria do Apego. Dessa forma, foi possível concluir que experiências de abandono afetivo na primeira infância, tornam a criança mais suscetível a desenvolvimento de modelos de apego ansioso-evitativo e ambivalente além do comprometimento do desenvolvimento mental saudável.

Palavras-chave: Abandono afetivo. teoria do apego. primeira infância.

Abstract: Early childhood is the period of greatest neuroplasticity in the child's brain. In this scenario, there are numerous structures in development, one of which is the construction of affective bases. These are built from the intrauterine period. After birth, the emotional bond continues to develop in the relationship between the central caregiver and the baby. It is worth highlighting that this relationship, in this period of early childhood, is important, as it serves as a reference for the child to have other affective relationships throughout their development. Therefore, understanding the importance of building an emotional bond in the first years of life, it is worth reflecting on the consequences on the emotional development of children subjected to the experience of emotional abandonment. Thus, based on the Attachment Theory developed by John Bowlby and Mary Ainsworth, the article in question aims to understand the possible attachment models to be developed in the relationship with the central caregiver. In addition to specifically understanding the predominant models in cases of emotional neglect. The formulation takes place through bibliographical research, using articles found in the Google Scholar tool and books that address Attachment Theory. In this way, it was possible to conclude that experiences of emotional abandonment in early childhood make the child more susceptible to the development of anxious-avoidant and ambivalent attachment models, in addition to compromising healthy mental development.

Keywords: Affective abandonment. attachment theory. early childhood.

INTRODUÇÃO

Teóricos como psicólogos, sociólogos e educadores apontam sobre a importância dos seis primeiros anos de vida para o desenvolvimento do indivíduo. Esse período formará uma base que pode trazer benefícios para sua existência e, diante disso, entende-se a importância de bons estímulos por parte dos cuidadores para o amadurecimento e crescimento da criança (UNESCO, 2007 apud Pereira; Ferreira, 2022, p.234).

Entendendo a importância desse período, vale destacar como uma de suas fases de amadurecimento e crescimento a construção de bases afetivas. Sobre a construção das bases afetivas, sujeitos que receberam a atenção e cuidado necessários no começo da vida, conseguem se constituir como indivíduos mais seguros, autônomos e felizes (Araújo; Moucherek, 2022).

Ao terem suas necessidades atendidas pelo meio em que vivem, de forma paralela, são construídos alicerces para enfrentamento de desafios. Da mesma forma que o indivíduo pode experienciar a construção de bases de afeto seguras, casos em que ocorrem negligências afetivas podem trazer impactos no desenvolvimento emocional da criança. “A separação da mãe pode provocar cicatrizes emocionais extremamente profundas. [...] O dano apesar de não ser fatal, pode ser permanente”. (Nogueira; Costa, 2005, p.36)

Dessa forma, é possível compreender a importância da construção de bases afetivas através da figura do cuidador central. Por meio disso, John Bowlby e Mary Ainsworth deram início a pesquisas que observavam a reação de crianças na primeira infância quando submetidas a situações de afastamento do cuidador. Essa observação foi a base para o desenvolvimento dos modelos de apego e a formação da personalidade.

A pesquisa tem como objetivo identificar os impactos da separação da figura do cuidador central na primeira infância assim como a importância do vínculo nos primeiros anos de vida com uma figura de cuidado segura, além de identificar os modelos que se formam em função da privação afetiva.

Entendendo a importância desse tema, a presente pesquisa visa refletir como a privação afetiva pode trazer consequências no desenvolvimento emocional da criança. Para reflexão do problema, foi escolhida a teoria do Apego de John Bowlby e Mary Ainsworth. O artigo em questão justifica-se, entendendo que:

A família é fundamental para o desenvolvimento emocional e psicossocial da criança. Quando uma criança nasce, ela precisa de alguém que a ajude a construir uma boa formação psíquica (pessoas identificatórias) que as proporcione muito além de cuidados básicos, mas, que exista uma relação de carinho e afeto advindas desses cuidados. É através desse contato que se inicia as relações emocionais e psicossociais do sujeito (Rayane; Sousa, 2018, p.92,93).

A partir disso, a pesquisa em questão aborda o abandono afetivo na primeira infância e suas consequências. É válido destacar a relevância desse estudo para a sociedade, já que este contribui evidenciando a necessidade da construção de relações seguras afetivamente na primeira infância.

MÉTODO

O desenvolvimento do artigo tem como base a pesquisa bibliográfica. Assim, foram reunidas literaturas sobre o tema com o objetivo do aperfeiçoamento dos conhecimentos referentes ao abandono afetivo na primeira infância e suas consequências.

“A pesquisa bibliográfica está inserida principalmente no meio acadêmico e tem a finalidade de aprimoramento e atualização do conhecimento, através de uma investigação científica de obras já publicadas”. (Sousa; Oliveira; Alves, 2021, p.65).

Para tal aprimoramento e atualização dos conhecimentos foi utilizado como ferramenta o Google acadêmico. Nesta plataforma foram feitas pesquisas com o filtro de artigos apenas na língua Portuguesa em conjunto com a busca de palavras chaves como: Abandono afetivo, primeira infância, teoria do apego. Além disso, foram utilizados dois livros que têm como base teórica a Teoria do Apego. Dessa forma, a pesquisa tem como instrumentos de pesquisa artigos científicos e livros.

Esse modelo foi escolhido pensando na facilidade de acesso a artigos científicos virtuais e o baixo custo do modelo de pesquisa em questão.

“A pesquisa bibliográfica permite atingir um espaço amostral maior, inviável a partir de uma pesquisa de campo, sob a qual o investigador teria que percorrer um longo território coletando dados diretamente com os sujeitos”. (Gil, 2008 apud Batista; Kumuda, 2007, p. 8,9).

[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras. (Lakatos; Marconi, 2003, p.183 Apud Sousa; Oliveira; Alves , 2021, p.67)

Levando em conta o método da pesquisa bibliográfica fazer um compilado de tudo que já foi escrito sobre o tema de pesquisa, torna-se necessário destacar que a pesquisa tem como objetivo trazer novos enfoques e percepções tendo como base aquilo que já foi produzido sobre o tema.

REFERENCIAL TEÓRICO

O papel do cuidador central na primeira infância

É comum pensar no desenvolvimento infantil a partir da necessidade de um cuidador para suprir necessidades de cuidados básicos, como higiene e alimentação. Contudo, desde a gestação o feto já estabelece um vínculo afetivo com seu genitor. Vínculo esse que após o nascimento continua sendo necessário para a sobrevivência do bebê. O que é vivido pelo feto durante a gestação tem impacto significativo na formação social da criança, pois a experiência intrauterina é determinante tanto no aspecto biológico quanto psicológico, sendo que o feto já é considerado um ser vivo que está emocionalmente ligado à mãe (Jaques Hochamann, segundo Papalia, Olds e Feldman, 2010 Apud Santos; Peixoto, 2020).

Mesmo o vínculo afetivo tendo seu início no período gestacional não é uma regra ter a figura genitora como figura de cuidado central que manterá a construção afetiva. A criança tem a necessidade de construir o vínculo por meio de uma figura de cuidado central, e no caso em que esse papel não seja desempenhado pela mãe biológica a criança buscará na pessoa que desenha a função social materna.

Embora seja usual a mãe natural de uma criança ser a sua principal figura de apego, o papel pode ser efetivamente assumido por outras pessoas. As provas que se dispõe evidenciam que, desde que uma figura substituta se comporte de um modo maternal em relação a um bebê, este a tratará da mesma maneira que outra criança trataria sua mãe natural. (Bowlby 2004 Apud Pereira; Ferreira, 2022, p. 236).

Santos e Peixoto (2020) destacam que o corte do cordão umbilical marca o final de uma conexão física da mãe com o bebê, porém também determina o começo da conexão emocional que vai trazer impactos na forma como a criança lida com a sua realidade.

Em comparação com o desenvolvimento físico de uma criança, as características do desenvolvimento afetivo de uma criança nem sempre são visíveis. Por isso, existe uma dificuldade cultural em se falar do estabelecimento do vínculo afetivo nos primeiros anos de vida de uma criança e como sua ausência pode trazer impactos no desenvolvimento infantil. “Em nossa cultura, tão acostumada a ver apenas com os olhos, acreditamos que tudo o que há para compreender acerca do nascimento de um ser humano refere-se ao desprendimento físico” (Gutman, 2016, p.16).

Logo, o desenvolvimento afetivo tem seu início desde o período gestacional e após o nascimento, a criança buscará sua referência de cuidado, que está presente na maioria das vezes no seu primeiro núcleo de convívio, a família independente de sua composição. “A família é um dos primeiros meios de integração social de uma criança, sendo assim seus familiares tem um papel fundamental na educação, formação e desenvolvimento”. (Souza, 2021, p.9)

O vínculo afetivo torna-se fator indispensável para o desenvolvimento integral da saúde da criança. Compreendendo a importância desse vínculo, é válido entender o que acontece em casos de abandono afetivo no período da primeira infância por meio da teoria do apego. “Bowlby impressionou-se com as evidências de efeitos adversos ao desenvolvimento atribuídos ao rompimento na interação com a figura materna na primeira infância” (Ainsworth & Bowlby, 1991 Apud Pereira; Ferreira, 2022, p.237).

Reis (2022) destaca os impactos que uma criança submetida ao abandono afetivo pode sofrer. Impactos esses que vão se manifestar de forma física, biológica e cognitiva. Por isso o autor compreende que mães que já desejam seus filhos desde a gestação e que após o nascimento essas crianças recebem suprimentos afetivos do meio, as mesmas têm maior capacidade de desenvolver suas capacidades de aprendizagem.

Teoria do Apego

A teoria do apego surge a partir dos estudos de John Bowlby e Mary Ainsworth ao observar o modelo de comportamento das crianças quando eram afastadas da figura de cuidado central.

Acreditamos que a observação de como uma criança muito nova se comporta em relação à sua mãe, tanto na presença como, especialmente, na ausência desta, pode contribuir imensamente para a compreensão do desenvolvimento da personalidade. Quando são afastadas da mãe por estranhos, as crianças pequenas geralmente reagem com grande intensidade; e após a reunião com a mãe, mostram comumente ou um grau intenso de ansiedade de separação ou então um excepcional desapego. (John Bowlby, 2002 p.3,4)

A teoria do apego foi definida como um sistema de comportamento onde o bebê busca constantemente a proximidade com a sua figura de cuidado central na busca de se sentir seguro e protegido (Bowlby, 2002). “Sentir-se, então, apegado ou vinculado é sentir-se a salvo e seguro. (Abreu, 2005, p.83).

Levando em conta o padrão de estudos psicanalíticos que estudavam a partir da escuta de adultos que relataram sobre sua infância, a Teoria do Apego surge com proposta de analisar o comportamento a partir do momento da perda da figura do cuidador central e suas consequências assim como relatado

A perspectiva aqui adotada parte de uma classe de evento - a perda da figura materna na infância - e tenta depois descrever os processos psicológicos e psicopatológicos que daí, comumente, resultam. Parte-se, de fato, da experiência traumática e trabalha-se prospectivamente. (John Bowlby, 2002, p.5)

Os modelos de apego são classificados a partir do experimento proposto por Mary Ainsworth, chamado de situação estranha. O experimento consiste na

observação do comportamento em uma sala, composta por três integrantes: uma mãe, seu bebê e uma pessoa considerada estranha pelo bebê. Para observação foram feitas as seguintes organizações: num primeiro momento ficam na sala a mãe e seu bebê, no segundo momento entra a pessoa estranha ficando as três na sala, terceiro momento a mãe sai da sala, quarto momento a mãe retorna a sala, quinto momento sai a pessoa estranha, sexto momento a mãe deixa a sala e a pessoa estranha entra, sétimo momento a mãe retorna a sala.

Conforme a teoria, é possível classificar como modelo de apego seguro crianças que tiveram experiências de relações confiantes, se sentiram mais apoiadas, e isso propiciou maiores habilidades para lidar com o novo, o inesperado. (Ainsworth Apud Abreu, 2005).

Crianças que foram identificadas com o estilo de apego inseguro ou também, quando estavam na sala acompanhadas de sua mãe porém entrava um desconhecido, o bebê não conseguia se sentir seguro para fazer a exploração do ambiente. E no caso em que a mãe deixava a sala a criança ficava apática e teve uma grande dificuldade em retornar para o acolhimento da mãe quando a mesma retornou. (Ainsworth Apud Abreu, 2005).

O apego ambivalente caracteriza as crianças que apresentam como resposta comportamental quando o cuidador central se ausenta, uma instabilidade emocional. Ou seja, ocorre tanto uma busca como uma rejeição do contato. (Abreu, 2005).

São três características do comportamento de apego, importantes para compreensão do seu funcionamento e diferenciação de outro tipos de relacionamento: busca de proximidade, cuidador como figura de base segura e protesto em casos de separação do cuidado (Weiss Apud Abreu, 2005).

Abandono Afetivo e seus impactos na primeira infância

O abandono afetivo na primeira infância torna-se tão prejudicial já que esses primeiros anos do desenvolvimento são fundamentais para a formação estrutural do ser humano. “Nos primeiros anos de vida de uma criança, em especial desde o

nascimento até os três anos de idade, é que se formarão todas as estruturas necessárias ao desenvolvimento desta” (Arruda, p.39).

Casos de abandono afetivo na primeira infância são mais comuns na vida de crianças que vivem institucionalizadas ou passaram por um processo de separação involuntária do cuidador central durante os primeiros anos de vida.

“A vida humana começa antes do nascimento e cada vez mais os estudos apresentam que a vida intrauterina é um espaço de experiências vitais, onde as bases psíquicas, relacionais e experienciais começam a ser constituídas” (Jabour, 2019, p.4). Diante dessa afirmação é possível concluir que crianças que já passaram pela experiência de rejeição por parte dos genitores no período intrauterino, já nascem com a parte afetiva impactada.

Em casos de crianças que vivem abrigadas, destaca Nogueira (2005) não recebem a devida atenção afetiva, pela alta demanda dada aos profissionais em atender todo o coletivo. Também, destaca sobre a rotatividade de cuidadores dentro das instituições. Esse processo é prejudicial, ao fazer as crianças reviverem mais uma vez a sensação de abandono por parte do cuidador. Também é válido os vínculos que são construídos com as outras crianças que passam pela instituição, o movimento de observar algumas indo embora e outras ficando produz novamente o sentimento de abandono para quem fica.

Crianças institucionalizadas, foram observadas por Spitz e quando recebiam cuidados básicos mas eram privados de afetividade notava-se algumas consequências. Foi definido como privação afetiva parcial, dessa forma a criança foi separada do seu cuidador central por três meses sem interrupção, os sintomas observados foram: choro, insônia, perda de peso e com o passar do tempo a criança começa a evitar outros contatos. (Spitz apud Diniz, Assis, Souza, 2018).

Já a privação afetiva total, são casos onde a separação do cuidado ultrapassa cinco meses. Desse modo a criança começa apresentando os sintomas da privação afetiva parcial e logo após, podem aparecer sintomas como atraso motor e dificuldade na fala. (Spitz apud Diniz, Assis, Souza, 2018).

“Privação da mãe” foi um termo que Bowlby usou para descrever casos onde o bebê não sentia que era atendido em suas necessidades afetivas por seu cuidador de referência, em consequência disso surgiam nessas crianças sentimentos como: angústia, depressão, culpa, dificuldade em estabelecer vínculos com outras pessoas. Os sintomas variavam de acordo com o grau de privação. (Bowlby apud Costa, 2017).

Crianças que passam pelo processo de abandono afetivo na primeira infância conforme destaca (Bowlby apud Abreu, 2005, p.17) “Existe uma forte ligação entre as experiências de um indivíduo com seus pais e a sua capacidade posterior para estabelecer vínculos afetivos”. Logo, compreender o abandono afetivo, também envolve pensar em processos de vínculos afetivos adoecidos na vida adulta que resultam de modelos de apego disfuncionais.

O comportamento de desapego é uma das grandes consequências do abandono afetivo na primeira infância. Pode ser observada em crianças entre seis meses e três anos de idade, quando ficam longe de suas mães por períodos de uma semana ou mais. Bowlby (2002) destaca que a criança vive um luto por essa separação e desenvolve relações sem profundidade e tem uma tendência e ações mais egocêntricas.

O abandono afetivo também provoca consequências nas construções de vínculos futuros, sendo um desses vínculos as relações amorosas. Foram feitas pesquisas em crianças que já tinham um vínculo bem estabelecido com seu cuidador central e logo após foram separadas deles. E foram observados os efeitos negativos. E foi comprovado que esse fator pode ser determinante para problemas com relacionamentos amorosos no futuro. (Bowlby Apud Rodrigues, 2009).

Abreu (2005) destaca a tendência do indivíduo em continuar buscando padrões de vinculação que já são conhecidos. Desse modo, em casos de padrões de vinculação inseguros ou ambivalentes, por maiores desconfortos que possam trazer continua sendo a busca do indivíduo por ser aquilo que ele conhece.

Bowlby (1990 apud Abreu 2005, p.17) descrevendo sobre o conceito de base segura, aponta que a relação de uma criança com seus pais nos primeiros anos de vida é de suma importância para a capacidade da mesma de conseguir se colocar em relações afetivas no futuro, além disso, essa relação inicial tendo sido um referencial de base segura, proporciona a capacidade de desenvolver um bom modelo representacional próprio em conjunto com a capacidade de ajudar aos outros e de ser ajudado. Ou seja, situações de abandono afetivo podem contribuir para adultos com dificuldades de auto estima e dificuldades em se estabelecerem vínculos afetivos, pela dificuldade de encontrar segurança em suas relações.

Foi realizado um estudo que mostrou que adolescentes que apresentavam o modelo inseguro de apego estavam mais vulneráveis a desenvolver alguns transtornos psiquiátricos como: transtornos de personalidade, transtornos obsessivo-compulsivo e depressão. (Rosenstein e Horowitz Apud Abreu, 2005)

O abandono afetivo também pode trazer consequências psicossomáticas. Tendo a criança seu modelo inicial de vinculação, a manifestação dessa relação se dá tanto no corpo quanto no psiquismo. Da mesma forma, em casos desse modelo de vínculo ser ausente ou disfuncional, a forma de manifestação pode se dar por psicossomatizações. (Souza, Sei, Arruda, 2010). Estando a criança em processo de desenvolvimento é comum a resposta ao abandono acontecer de forma somática, já que a mesma não tem capacidade de organizar esse sofrimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa em questão, foi possível concluir que, baseado na ferramenta de pesquisa escolhida, Google acadêmico, o termo abandono afetivo tem poucas produções científicas na área de psicologia, com um número maior de produções voltadas para área jurídica.

Sendo válido destacar (Oriente e Sousa 2005), até a instituição do ECA as crianças não tinham seus direitos instituídos de forma legal na legislação brasileira. O surgimento do Estatuto da Criança e do adolescente foi um marco para o início de

se pensar propostas de crianças em situações de vulnerabilidade tal como crianças institucionalizadas, assim como as citadas na pesquisa acima.

Porém, ainda se faz necessário maiores contribuições. “A legislação brasileira é silenciosa acerca do abandono afetivo e as literaturas na seara jurídica sobre o tema também são escassas” (Vieira, 2020, p.21)

Partindo do problema de como a privação afetiva pode trazer consequências no desenvolvimento emocional da criança, pode-se concluir que a relação com o cuidador central tem papel fundamental no desenvolvimento da criança, com uma atenção especial para a formação de bases afetivas.

Dessa forma, baseado na teoria do apego, para maior compreensão dos possíveis modelos de apegos que podem ser desenvolvidos na relação com o cuidador central nos primeiros anos de vida, pode-se concluir sendo: Modelo de apego seguro, modelo de apego ansioso-evitativo e modelo de apego ambivalente.

Conclui-se que, crianças que passaram pela experiência da privação afetiva possuem maior vulnerabilidade para formações de modelos de apego como ansioso-evitativo ou ambivalente. Crianças que desenvolvem esse modelo de apego, sofrem repercussões em todo o desenvolvimento do seu ciclo de vida. Já que, vão desenvolver suas relações afetivas baseadas na sua referência de apego na infância. Assim sendo, possuem maior probabilidade de estar em relacionamentos abusivos e dependentes. Mas também, foi possível observar que, além dos impactos nas relações afetivas, o abandono afetivo pode trazer consequências na forma de patologias psicossomáticas.

Produções sobre essa temática torna-se necessárias ao compreender a profundidade do impacto que a privação afetiva na primeira infância pode causar no desenvolvimento emocional de um indivíduo. Torna-se necessário que informações sobre esses impactos façam parte da vida da população, com o intuito de melhorar tanto as leis, quanto a forma de tratamento de crianças em creches, quanto de crianças pequenas em hospitais. É uma nova forma de se olhar para a primeira

infância, entendendo que investir em uma relação assertiva nos primeiros anos de vida é investir na saúde mental do indivíduo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano. **Teoria do apego: Fundamentos, pesquisas e implicações clínicas**. 1ª edição. São Paulo: Casa do psicólogo, 2005.

ARRUDA, Alessandra. **Promoção do desenvolvimento infantil: concepção, estruturas e alguns resultados**. Disponível em <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/67>.

ARAÚJO, Raquel; MOUCHEREK, Michelle. **Abandono afetivo na infância e os danos psicológicos: Uma revisão integrativa da literatura**. Research, Society and Development, v.11, páginas 1 - 10, Nov (2022).

BATISTA, Leonardo; KUMUDA, Kate. **Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica**. Revista brasileira de iniciação científica, v.8, páginas 1 - 17, Jul (2021).

BOWLBY, John. **Apego e perda: a natureza do vínculo**. 3ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRUM, Evanisa; SCHERMANN, Lígia. **Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil: abordagem teórica em situação de nascimento de risco**. Programa de pós graduação em saúde coletiva. p. 457-467.

COSTA, Cristiane. **Vínculo materno na perspectiva da teoria do apego: Elementos para concepção em saúde mental**. Bahiana escola de medicina e saúde pública. p. 1-14, 2017.

COSTA, Liana; NOGUEIRA, Paula. **A criança, a mãe social e o abrigo: limites e possibilidades**. Rev Bras Cresc Desenv Hum, 2005; 15(3): 36-48.

DINIZ, Isabel; ASSIS, Márcia; SOUZA, Mayra. **Crianças institucionalizadas: um olhar para o desenvolvimento socioafetivo**. Pretextos - Revista da graduação em psicologia PUC Minas, v.3, n.5, jan/jun, 2005.

GUTMAN, Laura. **A Maternidade e o Encontro Com a Própria Sombra: o resgate do relacionamento entre mães e filhos**. 3ª ed. Rio de Janeiro: BestSeller, 2012.

JOBOUR, Malu. **O impacto da relação mãe-bebê na construção do vínculo afetivo**. Universidade Federal de Minas Gerais, p. 4-30, 2019.

ORIONTE, Ivana; SOUSA, Sônia. **O significado do abandono para crianças institucionalizadas**. Psicologia em revista, Belo Horizonte, v.11, n.17, p.29-46, jun. 2005.

PEREIRA, Gabryela; FERREIRA, Luciana. **A importância do vínculo afetivo na primeira infância.** P. 1-9. São Paulo.

RAYANE, Daniele; Sousa, Daniela. **Privação afetiva e suas consequências na primeira infância: um estudo de caso.** Inter scientia, vol.6, nº2, 2018.

REIS, Jonathan. **Negligência familiar e o desenvolvimento infantil.** Anhanguera Salvador, p. 2-28, 2022.

RODRIGUES, Soraia. **Amor com dependência: um olhar sobre a teoria do apego.** O portal dos psicólogos. P. 1-15, 2009.

SANTOS, Genilson; PEIXOTO, Sandra. **A relação mãe-bebê e a teoria do apego de John Bowlby em parceria com Mary Ainsworth frente às implicações na pós-infância e na vida adulta.** Cadernos de graduação. v.6, n.2, p. 225-238, Set, 2020.

SOUZA, Carolina; SEI, Maíra; ARRUDA, Sergio. **Reflexões sobre a relação mãe-filho e doenças psicossomáticas: um estudo teórico-clínico sobre psoríase infantil.** Boletim de psicologia, 2010, P. 45-59.

SOUZA, Suieny. **Abandono afetivo na infância: compreendendo crenças disfuncionais no processo de tornar-se adulto.** Centro Universitário Cambury, p.8-20, 2021.

SOUSA, Angélica; OLIVEIRA, Guilherme; ALVES, Laís. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos.** Cadernos da Fucamp, v.20, n.23, p.64-83, 2021.

VIEIRA, Isadora. **Abandono afetivo: formas de prevenção aos danos causados aos filhos pelas omissões parentais.** Viçosa, Minas Gerais, 2020.